

CRÍTICA LITERÁRIA

A emigração em Cabo Verde: olhar contemporâneo das obras do artista plástico Abraão Vicente renova tema caro à literatura do arquipélago

Por Ricardo Riso

Graduando em Letras – Universidade Estácio de Sá.

E-mail: risoatelle@gmail.com

A insularidade de Cabo Verde impôs ao ilhéu os dilemas “querer ficar e ter que partir” e/ou “ter que partir e querer ficar” em razão das condições adversas do arquipélago, ora devido à geografia e ao clima desfavorável, ora com situações políticas como o colonialismo português no passado, e as desigualdades sociais e econômicas que a independência não conseguiu resolver. Ou seja, emigrar faz parte da cultura de Cabo Verde.

Disseminadas na sua literatura, a evasão e a emigração foram temas que percorreram todo o século XX gerando profundas polêmicas entre os escritores. A geração da revista *Claridade* (1936), marco da cabo-verdianidade, foi injustamente acusada de evasiva por seus pares nas décadas seguintes.

Entre os *claridosos*, como eram conhecidos, não havia crítica explícita ao regime colonial português, porém, havia o sentimento nacional independente a Portugal, a partir da evasão e do sonho, como inferimos no “Poema de quem ficou” de Manuel Lopes:

Eu não te quero mal / por esse orgulho que tu trazes; / porque este ar
de triunfo iluminado / com que voltas...(...)
...Que teu irmão que ficou / sonhou coisas maiores ainda, / mais belas
que aquelas que conhecestes... (...)
que nunca viram teus olhos / no mundo que percorreste...

(ANDRADE, Mario de. Antologia Temática de Poesia Africana Vol. 1 – Na Noite Grávida de Punhais. Lisboa: Sá da Costa, 1977. 2ª ed. p. 27)

Na década de 1940, a revista *Certeza* (1944) explicita o absurdo do colonialismo. Nos anos 1950, nasce o Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC); a partir dos anos 1960 as guerras coloniais nos cinco países africanos dominados por Portugal levariam à independência.

O sentimento crescente de revolta e a nova relação com o mar, não mais castrador dos sonhos do ilhéu, são retratados por Ovídio Martins no poema “Unidos Venceremos”:

Estendemos as mãos / desesperadamente estendemos as mãos / por
sobre o mar
As ondas não são muros / são laços / de sargaços / que servirão de
leite / à grande madrugada (...)
(ANDRADE, Mario de. Antologia Temática de Poesia Africana Vol. 2 – O
canto armado. Lisboa: Sá da Costa, 1979. p. 142)

Conquistada a liberdade da nação, o cantalutismo domina a poesia. Somente no final dos anos 1980, a antologia *Mirabilis – de veias ao sol* marcará a ruptura com os eternos dilemas do ilhéu. No prefácio, José Luís Hopffer Almada afirma que:

Fustigada pelos ventos (da incompreensão!), pelo sol (da hipocrisia!),
pelos tempos vários do mau tempo literário, desse tempo querendo-se
vegetação literária. No deserto, cresce a geração mirabíllica, feita signo
na margem desértica do mar. De veias ao sol. As veias da indagação.
(..) Mirabilis – de veias ao sol. Geração mirabíllica indagando o sol. (...)
Uma única rosa é a Mirabilis, e dela queda um sol de sangue. O sol da
poesia mirabíllica.
(ALMADA, José Luís Hopffer (ORG.). Mirabilis – de veias ao sol –
antologia dos novíssimos poetas cabo-verdianos. Praia: ICL, 1988.
p.26-27)

Seguindo os novos rumos da poesia, Euricles Rodrigues escancara o rompimento com o passado literário em seu poema “Revolução – evolução”:

Viola a tua tradição / enterra a tua paranóia marítima secular / renega a
tua estreita visão interior
E busca / novas formas / novas artes / novos engenhos / nova
mente
De / cortar as amarras da estagnação / engravidar a terra de novo
sangue / estabelecer nova aliança com o mar
(ALMADA, José Luís Hopffer (ORG.). Mirabilis – de veias ao sol –
antologia dos novíssimos poetas cabo-verdianos. Praia: ICL, 1988.
p.190)

A emigração hoje

Há um elevado número de emigrantes cabo-verdianos pelo mundo, principalmente nos EUA e na Europa. Todavia, a xenofobia e a recessão econômica, fizeram com que a entrada de estrangeiros sofresse sérias restrições e vigilância rigorosa. A consequência: o aumento de pessoas ilegais que arriscam a vida em embarcações superlotadas.

Por outro lado, há um grave problema em Cabo Verde. Por sua posição geográfica, o arquipélago recebe diversos barcos ilegais impedidos de chegar à Europa. Tal fluxo clandestino gera imensos transtornos ao país, que não possui estrutura para receber pessoas vindas de várias partes da África como Mauritânia, Mali, Senegal etc.

Essa situação denuncia o fracasso da política neoliberal dominante, em que os países do primeiro mundo se fecham e ignoram a situação do continente africano devastado pela miséria, em boa parte causada pelas pressões econômicas dos europeus e americanos.

Os passaportes de Vicente



Obra integrante da série Passports Frames, extraída do blog do artista.

Nascido na ilha de Santiago em 1980, Abraão Aníbal Fernandes Barbosa Vicente, o Abraão Vicente, vive em Portugal desde 1998 e é autor do blog - <http://abraaovicenti.blogspot.com/> - com diversas séries expostas.

Vicente surpreende pela variedade das técnicas apresentadas, que vão desde fotografias com cenas de batuques na série “Len di li”, a trabalhos extremamente expressivos como seus óleos sobre papel, delicadas cenas de nu em aquarelas e instigantes trabalhos conceituais em que alia grafismos e imagens. Diversidade que poderia traduzir indecisão em sua produção, porém, felizmente, demonstra segurança, conhecimento e ousadia.

Em duas séries, “Retratos” e “Passports Frames”, Vicente apropria-se de passaportes para criar tensas e inquietantes obras acerca de um documento que é objeto de desejo do cabo-verdiano. Entretanto, atento ao momento adverso, o artista se apropria do título de uma música dos Rolling Stones: *you can't always get what you want*.

Ao despedaçar o documento do passaporte, rasurando-o, contaminando-o com traços de giz, pinceladas agressivas, pedaços de fotografias, partes do corpo humano desenhadas com textos caóticos, Vicente denuncia o desespero que conduz pessoas a abandonar suas famílias e o país. Desfigurando tão importante documento, o artista questiona a identidade desse homem e da diáspora cabo-verdiana presente em diversos países.

Ao dialogar com os traços viscerais e o grafismo neoexpressionista do americano Jean-Michel Basquiat, Vicente mostra, pela impessoalidade das figuras representadas, o cidadão comum cabo-verdiano que busca suprir suas necessidades no estrangeiro. Suas figuras são fragmentadas, despedaçadas como a vida desse homem que pretende partir para um futuro incerto. O dilaceramento do documento, metáfora da dificuldade de alcançar o objetivo, a saída do país. O próprio dilaceramento de Cabo Verde.



Obra integrante da série Retratos, extraída do blog do artista.

Inquietação, pluralidade, diversidade, multiplicidade na escolha dos meios para expor suas obras deslocam o observador da passividade da contemplação. Abraão Vicente é um artista em sintonia com as questões que afligem o seu tempo, ao renovar e não se omitir em denunciar as novas vertentes de um tema que atravessa a literatura cabo-verdiana desde seus primórdios: a emigração.

BIBLIOGRAFIA:

ALMADA, José Luís Hopffer (ORG.). *Mirabilis – de veias ao sol* – antologia dos novíssimos poetas cabo-verdianos. Praia: ICL, 1988.

ANDRADE, Mario de. *Antologia Temática de Poesia Africana Vol. 1* – Na Noite Grávida de Punhais. Lisboa: Sá da Costa, 1977. 2ª ed.

ANDRADE, Mario de. *Antologia Temática de Poesia Africana Vol. 2* – O Canto Armado. Lisboa: Sá da Costa, 1979.